

A CULTURA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM PASSO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

Josicleide da Silva Matos (1); Tamiris dos Santos Constantino (2);

Celâny Teixeira de Mélo (3); Dra. Nelsânia Batista da Silva (4).

Universidade Estadual da Paraíba; Josicleide.mattos@gmail.com (1) Universidade Estadual da Paraíba; thamirissconstantino@gmail.com (2). Universidade Estadual da Paraíba; Sol_lanny@hotmail.com (3). Universidade Estadual da Paraíba; nelsaniabatista@gmail.com (4).

RESUMO

A leitura é mais do que uma forma de lazer, proporciona saberes e apropriação de conhecimento cultural. Nessa perspectiva, o presente artigo tem a intenção de apresentar a contação de histórias como meio de incentivo à leitura. A oralidade é algo marcante para o ser humano, sendo um instrumento não só de comunicação, mas um meio no qual podemos despertar o gosto pela leitura na prática cultural de contação de histórias. Ainda, este artigo surgiu a partir de um projeto de extensão intitulado Educação Popular, como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana, que visa à ampliação das possibilidades de acesso a cultura de emancipação no desenvolvimento do ser humano, entre outras possibilidades por meio da contação de histórias, uma vez que esta prática educativa instiga a leitura, colaborando para a criação de sonhos e do senso crítico. O Projeto supracitado ocorre a partir da integração da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, estudantes de graduação e professores da escola pública, gestores e comunidade do município de Remígio/PB, por meio de encontros, leituras, oficinas e discussões, numa perspectiva participativa. Portanto, a contação de história integra a prática educativa da cultura oral fundamental para ampliação da prática de formação de futuros leitores, para uma interação efetiva entre o real e o lúdico. Sendo assim, o processo educativo crítico com contação de histórias como um meio de vivência cultural do pensamento crítico amplia a possibilidade de formação de futuros leitores. O trabalho teve como base autores como: FREIRE, CULLINAN, MAGALHÃES, RODRIGUES, SANTOS, VYGOTSKY.

Palavras-chave: Educação, Contação de Histórias, Cultura.

INTRODUÇÃO

Ao entrarmos nos espaços escolares, ainda nos deparamos com a seguinte realidade: a literatura apresentada é repassada como uma simples disciplina que auxilia na compreensão de regra, de ensino da história e gêneros literários. Os estudos literários possuem, geralmente, uma abordagem interna, em que o foco é a estrutura da obra e seus elementos, deixando-se de lado a abordagem externa. O estudo do contexto histórico, ideológico e estético, que permitem fazer uma ponte para a compreensão do mundo, levando o leitor a se identificar, pensar e criticar as questões ao seu redor a partir de suas leituras e os conhecimentos adquiridos através da literatura, abrindo, assim, um leque de oportunidades aos sujeitos de fazer o uso social da leitura no contexto no qual se encontram inseridos.

Alguns sujeitos, nas suas relações interpessoais, já ouviram uma história, lenda, conto popular ou mito, mas, com o passar dos anos, essa cultura de contação de histórias vem se perdendo gradativamente por diversos fatores o que causa uma perda nas tradições repassadas pelos mais velhos por meio dessas contações. Em certa medida, a escola acaba por incentivar a reprodução dos costumes sociais de prontidão e imediatismo capitalista. Na Educação, a ênfase é seguir em conformidade com a ideologia do mercado, entretanto, nesse campo, há ambiguidades de concepções em debate, sendo possível experimentar uma reflexão crítica sobre ela própria. Essa possibilidade abre o debate para concepções de Educação, dentro e fora da escola formal.

Entendemos que educação, como forma de apropriação e reinvenção do conhecimento, só pode ser compreendida pela apreensão da cultura, não tem como entendê-la de forma dissociada. A educação passa necessariamente pela compreensão da cultura e esta sendo imprescindível para que o humano possa compartilhar a cultura em suas diversidades.

A contação de histórias vem ao nosso encontro como uma ponte a ser construída juntamente com os/as alunos/as para a formação do leitor proficiente, promovendo a existência da leitura e, acima de tudo, compreensão do texto. Entende-se que esse ato de oralidade vem a ser de fundamental importância, pois toma a tarefa de transmitir costumes que constituem o patrimônio cultural/emocional que a humanidade

vem acumulando no decorrer dos séculos, além de proporcionar a invenção e a criação de cultura.

O conhecimento dessas histórias, em primeiro momento, através da oralidade, pode vir a despertar, com o devido trabalho, a curiosidade infantil no que diz respeito à procura por livros. Ao contar histórias, os/as professores/as criam com os/as alunos/as uma ligação que remete aos antigos contadores que em volta de fogueiras encantavam a todos com seus relatos. Contar histórias é mais que uma simples manifestação oral, requer a criação de um ambiente lúdico recheado de suspense e emoção, no qual os personagens ganham vida para seus ouvintes. É esse encantamento que fará com que nossos/as alunos/as, assumam o papel de leitores que não se satisfazem apenas com a história contada, mas que buscam outras através dos livros.

Diante dos expostos acima com relação à narração oral de histórias, nosso objetivo com esse trabalho é proporcionar uma reflexão sobre ensino voltado para a contação de história que possa motivar e incentivar a leitura em sala de aula.

CONTAÇÃO COMO UM MEIO DE INTERAÇÃO ENTRE FAMILIARES

A organização da sociedade contemporânea enfatiza o desenvolvimento econômico como prioridade primordial para a totalidade dos investimentos culturais concretos e intelectuais. A lógica é priorizar recursos econômicos, voltados para o “capital”, para o lucro e para atender às necessidades do “mercado”. “Nas experiências em que o neoliberalismo se instalou como discurso hegemônico houve uma superdegradação Humana.” (FREIRE, 2010, p.3).

Diante dessa organização social, nota-se que os meios sociais contemporâneos estão sendo modificados de acordo com a imposição da sociedade contemporânea e os modelos de família vigentes vêm mudando, visando formas de viver, educar, conviver, e agir dentro da sociedade. Observamos o distanciamento entre pais e filhos recorrente em nossos dias, os pais cansados do longo dia de trabalho acabam por deixar seus filhos de lado e esses para se distraírem concentram-se nos meio tecnológicos de comunicação. A primeira educação que deveria caber aos pais acaba por sofrer interferência pelos meios de comunicação, fica claro o quanto nossas crianças estão presas ao conhecimento imediato proporcionado pela internet.

A apropriação das tecnologias desencadeia implicações na vida cotidiana da sociedade e especificamente no tipo de cultura acessível e materializada na realidade do

sujeito com implicações concretas e subjetivas. Seja nas transformações da vida material, assim como constituição da subjetividade humana. A cultura definirá o tipo de sociedade que prevalecerá, não sendo algo harmônico e consensual, mas conflitivo, com disputas sociais, econômicas, subjetivas, ideológicas. Para que Educação estamos servindo? Que cultura está sendo disseminada? Para humanização ou desumanização. Freire (1998). Diante dessa realidade tecnológica que embasa nosso olhar e se torna ponto motivador em nossa pesquisa, percebe-se que a informação chega a nossos lares, escolas e locais de trabalho e lazer muito rápido, sem que nos demos conta desse ato. Essa velocidade na propagação do conhecimento faz com que a tradição oral de passar conhecimento, costumes, valores, éticas e culturas do nosso povo através da contação venham a se perder em meio a esse quadro social do imediatismo. Segundo Santos, “o desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la” (SANTOS, p.7, 2008)

Por meio dessas transformações, as histórias passam através da cultura que é movida por forças exteriores aos seres humanos e essa é toda riqueza de formas de existência do homem e da mulher. Nesse sentido, o diálogo entre as famílias corre um enorme risco de acabar desaparecendo. Voltando algumas décadas atrás, observamos que as famílias não tinham meios tecnológicos como os atuais, nem de comunicação ou entretenimento, isso fazia com que a educação de seus filhos incidisse basicamente sobre os pais na interação do cotidiano, bem como os conhecimentos e os saberes de um povo fossem repassados às gerações futuras como forma de manter viva a sua cultura. Cultura como um bem comum construído a partir da necessidade humana de transformar a natureza, construída através da história da humanidade passando de uma geração para outra.

Pinto ainda ressalta que:

A cultura sendo o acervo de conhecimento e de instrumentos que vão permitir a exploração coletiva do mundo pelo homem revela-se claramente um bem de produção, um meio de operar sobre a natureza, uma força social a serviço da sobrevivência do indivíduo e da espécie. (PINTO, p.124, 1979)

Essa cultura, em sua essência, está distribuída em todas as práticas de formação do sujeito e ela é tudo o que é produzido pelo ser humano enquanto não é próprio da natureza. Ou seja, a cultura é tudo que diferencia os humanos dos animais, pois o homem tem a capacidade de transformar e produzir e exercer sobre a natureza. E os

animais conservam a sua existência na natureza, sem que pensem sobre suas ações no espaço em que vivem.

Quando a noite chegava, as famílias se reuniam em volta de fogueiras ou até mesmo à luz da vela, ou lamparina para contar suas histórias. Histórias essas que nos despertavam a imaginação e criatividade, fazendo com que as crianças viajassem para outros tempos, lugares e épocas, esses contos tradicionais se incorporavam definitivamente em nossa cultura, fazendo com que não deixasse que as memórias dos antepassados ficassem perdidas no tempo. É a partir da literatura que a mulher e o homem descobrem que é capaz de perpetuar as histórias narradas pelos mais velhos.

Segundo Cullian (2011), a questão do ato de ouvir histórias é prazeroso para as crianças, sabendo que a o uso da literatura infantil vai muito além de um simples momento de descontração, serve como meio de iniciação no âmbito complexo das linguagens, ideias, valores e sentimentos que regem a vida em sociedade.

Os mais velhos compartilhavam suas experiências e vivências do dia a dia e seus conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, isso fazia com que suas culturas não morressem e perpassasse para as futuras gerações até os dias de hoje.

Nesta perspectiva, a cultura da contação de histórias surgiu quando o ser humano começou a tentar explicar a vida e o mundo a sua volta. A partir das suas necessidades, os seres humanos, por meio da oralidade, passavam suas vivências, crenças, conhecimentos, experiências para as gerações futuras. Vale ressaltar que a arte de contar história é uma ação viva do ser humano e que ocupa a imaginação até os dias atuais.

Busatto (2007) afirma:

[...] e no início era assim, dizem os índios makiritare. Num tempo que se perdeu nos tempos, num mundo ainda pleno de magia, este era o universo do contador de histórias e por onde ele se movia. E assim foi durante séculos, e continua sendo até hoje: histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conversarem acesso o enredo da humanidade. O contador narra para se sentir vivo, para transformar sua história pessoal numa epopéia, uma narrativa essencial. (BUSATTO, 2007, p.17)

Sendo assim, todas as pessoas têm o conhecimento de contar histórias orais, sejam elas para se divertir, ensinar, lembrar algo que aconteceu na atualidade, em outros tempos ou até mesmo para passar o tempo. Por meio da oralidade, as pessoas passam suas informações para frente e não deixa se perder no tempo.

A prática da Cultura de contação de histórias é bem antiga e criada por vários membros de cada comunidade, assim reproduzindo histórias para as novas gerações. Ao

pensarmos nos contadores de histórias, lembramos de um sujeito comunicador que possui o dom da narração e que sofre influência do meio em que vive. Desse modo, ele transforma-se na memória coletiva de sua comunidade, tendo o papel de transmitir suas raízes culturais por meio de narrativas Busatto (2007).

Diante desse ao narrar, a criança desperta o incentivo à imaginação e à criatividade, adquire acesso cultural das crianças e amplia seu desenvolvimento cognitivo. Esta prática também deve adentrar no contexto e lares das famílias. Como viemos apontando até o momento, a família é o primeiro espaço de formação do gosto pela leitura, de acordo com Cullinan:

A família é a primeira incentivadora, pois o gosto pela leitura começa a ser formado no berço, através de canções de ninar, percorre toda a primeirainfância envolvendo parlendas, adivinhações, canções de roda e as primeiras narrativas de ficção, histórias sobre animais, contos de fadas. (CULLINAN, 2011, p.9).

Dessa maneira, quando contamos uma história para uma criança proporcionamos infinitas possibilidades para que ela conheça, as pessoas, a cultura na qual está inserida, o mundo a sua volta, os sentimentos, compartilhar respostas, criar laços afetivos com membros de sua comunidade e etc.

GÊNERO LITERATURA INFANTOJUVENIL E CONTAÇÃO

Entre o fim do século XVII e final do século XVIII, as crianças eram vistas como pequenos adultos, de modo que literatura produzida para este público não passasse de uma edição das histórias feitas para adultos. Apenas com as modificações sociais, como o crescimento da burguesia, reorganização familiar e a amplificação das escolas, é que a criança começou a ser vista como um ser pensante, não um molde menor dos adultos. A literatura infanto juvenil entra nesse meio como uma mediadora do conhecimento, neste momento assumia um papel didático educativo.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

A linguagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. As palavras só tem sentido em enunciados e textos que significam e são significados por situações. (RCNEI, 1988, p. 120).

Percebe-se que a partir do momento em que a criança fala e se comunica com adultos ou outras crianças, ela está se expressando por meio da linguagem oral, e é a partir dos contos de fada que as crianças começam a ter referenciais do que é o bem e do que é o mal, e vão, aos poucos, desenvolvendo um olhar crítico em relação às informações que recebem através das discussões dos entrosamentos das comunicações e, principalmente, interação entre professor e aluno.

As histórias narradas oralmente acompanham a humanidade, a partir dela obtivemos a preservação dos costumes culturais de diversos povos, conhecidas como narração. Segundo Rodrigues (2005, p.4), “a contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real”, ou seja, ao tomarmos a contação como meio educacional, enveredamos por uma relação entre a realidade e o imaginário infantil e a propagação de valores. Por ter essa ligação com o imaginário, a utilização desta ferramenta pedagógica pode, e deve influenciar o desenvolvimento do consciente e do inconsciente infantil.

Desse modo, entende-se que a contação de história é inerente ao ser humano, podendo, pois, constituir um papel fundamental na sala de aula para instigação intelectual e para a formação de leitores proficientes.

Segundo Magalhães(2001):

A principal qualidade do conto de fadas é colocar o leitor diante de problemas humanos universais e oferecer-lhe, de maneira simbólica, sugestões para resolver esses problemas. Deste modo, a criança vivencia simbolicamente toda a sua problemática existencial e encontra soluções que lhe asseguram a maturidade psicológica. (MAGALHÃES, 2001, p.45).

Nesse sentido, compreende-se que a literatura infantil, com seu caráter lúdico, proporciona à criança questionamentos, desperta sua imaginação, desenvolve sua criatividade e também seu espírito crítico. Nesse sentido, é interessante assinalar o que se pode chamar de objetivos do conto de fada no âmbito educacional: introduzir a reflexão sobre o gênero conto no cotidiano escolar, elucidando suas características e sua diversidade; oferecer elementos para que a criança perceba a importância da oralidade e da palavra como instrumento de comunicação.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INSTRUMENTO DE INCENTIVO A IMAGINAÇÃO E A CRIATIVIDADE DA CRIANÇA

Pensar em uma prática de incentivo à leitura centrada na contação de histórias requer, como já foi dito, que o/a professor/a recrie não só o clima para tal acontecimento em sala de aulas, mas que possibilite ao aluno a compreensão dos modelos literários em questão.

A literatura e a leitura são práticas de conhecimento humano que poderiam ser acessíveis a todos os indivíduos que compõe a sociedade. A partir do momento em que a leitura se torna parte das habilidades humanas, ela pode provocar uma ampliação da compreensão e interpretação do mundo. Ler é, antes de tudo, um processo dinâmico na construção de saberes e está ligado a necessidade de se atuar tanto na afetividade como nas relações sociais, partindo do conhecimento prévio para formular hipóteses sobre o que lerá ou estará lendo.

A leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor. O gosto pela leitura e a literatura construídos em alguns casos dentro do espaço familiar, o que já insere o aluno na sala de aula com esse gosto já foi iniciado, devendo ser apenas incentivado cada vez mais. Mas, o que fazer quando isso não ocorre no âmbito familiar? A escola tem um papel proeminente no processo de aprendizagem que constitui a partir do projeto pedagógico com sua concepção de Educação. Assim, cabe a escola fazer com que a criança perceba a leitura como um ato prazeroso e necessário, e que os adultos sirvam de mediadores ativos, haja vista que não é necessário que a criança espere a aprender a ler para ter acesso ao prazer da leitura, as crianças podem acompanhar as leituras feitas pelos adultos, pode manusear livros e outros impressos, tentando ler ou adivinhar o que está escrito.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000, p.26), o texto literário “ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis”.

Percebe-se, então, que o texto ultrapassa o papel em que está impresso e se incorpora a vida cotidiana do/a aluno/a. Por isso, a utilização da oralidade, modalidade tão presente no meio social dos alunos antes mesmo de seu ingresso na escola é uma ferramenta de grande importância para o incentivo à leitura, é por meio dela que o trabalho com a literatura deve se encaminhar nos anos iniciais. O professor, nesse sentido, toma posse do texto e da oralidade como uma ponte entre o aluno e essa prática que permeia nossa sociedade. A contação de histórias em sala de aula pode assumir diversos usos além de educar, pode ser vista como uma oportunidade de desenvolver a

sensibilidade, criatividade e a socialização entre os alunos, sendo a obra “a obra criativa representa um processo histórico contínuo, onde cada forma nova tem por base a precedente” (VIGOTSKI, p.32, 2004).

Por esses e outros motivos, a utilização da contação de história é uma fonte inesgotável de conhecimento interacional. Propicia tanto ao aluno/a quanto ao professor/a o prazer de se envolver e se transportar para outro mundo, ampliando,desse modo, o contato com os livros, de maneira que os alunos possam expandir seu espaço cultural e a relação com o lúdico na sala de aula, desmistificando a ideia cristalizada de uma educação estática.

METODOLOGIA

O projeto de extensão Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana vem sendo desenvolvido no período de 2015/ 2016, com o caráter participativo por meio da interação Universidade/Comunidade e envolve um processo de formação participativo permanente de estudantes da universidade /UEPB, no centro de integração acadêmica- CIAC e encontros na comunidade, envolvendo alunas e professora da UEPB, e professoras e professores de escola pública, gestores e membros da comunidade no município de Remígio/PB. Os encontros ocorrem através de reuniões de planejamento, avaliação e de formação por meio de seminários, reuniões, palestras, oficinas, diálogos informais e rodas de contações de histórias. O propósito é a integração que colabore para a construção do conhecimento, embasado em uma educação que promova a interação entre sujeitos, na busca de entendimento, criação, valorização de sua cultura. Entendemos que essa produção humana das civilizações mais antigas, passando pela atual, até as vindouras, constitui, assim, instrumento social histórico essencial da Educação, com possibilidades de contribuir para a emancipação humana.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo da práxis desenvolvida favoreceu novas formas de agir e pensar acerca das relações interpessoais promovidas pela Universidade e a comunidade, que germinaram uma ótica de Educação não apenas o repasse de conteúdos formais, uma vez que essa ocorre na sociedade, devendo ter um papel de promover o debate

fundamental no desenvolvimento do cidadão crítico. Tomamos aqui a ideia de que todo ser humano tem a capacidade de “ser mais”, de acordo com o pensamento de Freire(1998), sendo que a Educação pode se apresentar como possibilidades: castradora, opressora ou emancipadora, libertária. É a través da capacidade de leitura e interpretação que poderemos chegar nesse estado.

A contação de historia como uma prática educativa que proporciona imaginação, criatividade e formação de senso crítico, entra nesse meio de apropriação do conhecimento como forma motivadora na busca de desenvolver um sujeito centrado em manter viva uma cultura que contribui para fazê-lo se conhecer e reconhecer no mundo no qual se encontra. Conforme Vygotsky (2014), quanto mais a criança tiver a sua disposição uma vivência de experiência ampla, mais criativa será sua imaginação.

Dentre as ações desenvolvidas destacamos: Oficinas de contação de histórias, Círculos de Debates, Palestras, Reuniões Semanais.

A realidade em análise já existe uma diversidade de práticas educativas que trabalham com intuito de instigar a cultura, entre as quais a existência de professoras contadoras de histórias, com demonstrações vivenciadas nos momentos de formação.

Essas realizações contribuem, portanto, para a aprendizagem e a vivência da cidadania, promovendo espaços de diálogo e participação envolvendo as instituições educacionais e a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa perspectiva de educação busca pistas que promovam imaginação, criatividade, e senso crítico, criando, assim, possibilidades de da ênfase à cultura de contação de história e o desafio da leitura nas escolas e nos espaços individuais e coletivos. Esse procedimento proporciona não só a interação entre alunos/as e professores/as, mas também faz com que recuperemos hábitos que marcaram a civilização humana.

A contação também pode motivar o desenvolvimento social e cognitivo do aluno, elevar o nível de abstração de conhecimento com a relação entre o real e o imaginário, aguçando a criação, o lúdico e o espírito crítico. Sendo assim, é imprescindível que os professores vejam nessa prática oral um leque de oportunidade para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Concluimos que o ensino é muito mais do que uma repetição de ideias e regras previstas em um plano de aula, seu objetivo é instigar o papel ativo das/dos professores/professoras, estudantes e da realidade em que vivem. Assim, tomamos a proposta da contação de histórias como uma prática de emancipação do pensamento, com raízes na cultura que, além de divertida, pode proporcionar aos alunos/alunas conhecimentos diversos e, ainda, promover o incentivo a leitura que fundamenta a prática da cidadania em nossos dias.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Conhecimentos de Língua Portuguesa. In: **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério de Educação, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF. 2002.3v.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CULLINAN, B. E. **Brincando de ler histórias: como incentivar na criança, desde bebê, o prazer da leitura/;** tradução de Suzana Vidigal de Souza Netto; adaptação de Maria Beatriz Savoldi. 1. Ed. São Paulo: Tâmis Editora, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MAGALHÃES, M. S. R. **Literatura Infantil: a fantasia e o domínio do real**. Teresina: UFPI, 2011.96 p.

VIEIRA PINTO, A. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SANTOS, J. L. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.